

## **SABER TRADICIONAL ETNOBOTÂNICO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CEDRO NO SUDOESTE DE GOIÁS**

Jesiel Souza Silva<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Os quilombos são os maiores símbolos de resistência frente ao sistema escravocrata que perdurou no território brasileiro por muitos anos. Espalhadas por todo o território brasileiro, essas comunidades criaram estratégias de sobrevivência frente ao modelo fundiário concentrador e conservador. Nesse contexto, a comunidade do Cedro, no sudoeste de Goiás, é uma comunidade constituída de descendentes de escravos e que se reconhecem como portadores de uma identidade baseada na mesma origem e em uma cultura comum distinta dos demais grupos circunvizinhos. Este artigo é fruto de uma pesquisa empírica e tem como objetivo analisar a importância do conhecimento tradicional na sustentabilidade da comunidade como fator de fortalecimento no processo produtivo, revelando parte da riqueza Etnobotânica dentro da comunidade e conhecendo a finalidade do uso, parte da planta utilizada, modo de preparo e fonte de obtenção e coleta das plantas medicinais cedrinhas.

**Palavras-chaves:** Quilombolas, etnobotânica, resistência, conhecimento tradicional.

### **TRADITIONAL ETHNOBOTANICAL KNOWLEDGE IN THE QUILOMBOLA CEDRO COMMUNITY IN THE SOUTHWEST OF GOIÁS**

### **ABSTRACT**

The Quilombos are the greatest symbols of resistance against the slave system in Brazil that lasted for many years. Diffused throughout the Brazilian territory these communities have created strategic model of survival against the hub and conservative land. In this context the community of Cedro in southwest Goiás, is a community made up of descendants of former slaves and who recognize themselves as bearers of an identity based on the same origin and a common culture distinct from the other surrounding groups. This article is based on empirical research and aims to analyze the importance of traditional knowledge in sustainable community as a strengthening factor in the production process, raising Ethnobotany of the wealth within the community and knowing the purpose of use, plant part used, manner of preparation and source of production and collection of medicinal plants Cedrino.

**Keywords:** Quilombolas, ethnobotany, resistance, traditional knowledge.

---

<sup>1</sup>Graduação em Geografia - Licenciatura e Bacharelado - (UFG); Especialização em Gestão e Manejo Ambiental em Sistemas Agrícolas (UFLA); Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural (UFSCAR); Doutorado em Geografia (UnB). Professor do Instituto Federal Goiano, IF Goiano - Campus Rio Verde. E-mail: zielsilva@hotmail.com.

## 1. INTRODUÇÃO

As comunidades quilombolas mantêm, ainda hoje, práticas centenárias trazidas pelos seus ancestrais do continente africano. Essas práticas, além de culturais, dizem respeito à religiosidade, política e formas de produção, envolvendo técnicas agrícolas, formas de manejo do solo, formas de plantio, constituindo-se em uma íntima relação dessas comunidades com o ambiente em que estão inseridas, a partir do desenvolvimento de técnicas conservacionistas e utilização racional dos recursos naturais, garantindo, dessa forma, a manutenção da biodiversidade, para a utilização das gerações futuras.

Uma das causas da intensa relação entre essas comunidades e o meio em que estão inseridas é o fornecimento de inúmeros recursos que a natureza dispõe a elas e que são fundamentais para a sua sobrevivência e reprodução, contribuindo para a continuação dos quilombos, garantindo a sobrevivência dessa população. As comunidades quilombolas, assim como as demais comunidades tradicionais, preservam um valioso conhecimento sobre plantas medicinais. Esse conhecimento vem, ao longo dos anos, constituindo-se em um importante fator socioeconômico das comunidades rurais, sendo repassado de geração em geração. Em muitas comunidades rurais, o conhecimento e a utilização de plantas representam a única opção de tratamento de enfermidades, em razão do restrito acesso aos programas de saúde.

Para Amorozo (2002, p. 1), as populações tradicionais detêm um importante conhecimento em relação à diversidade local. Atualmente, a etnobotânica, no Brasil, apresenta algumas características e potencialidades. Existem várias abordagens possíveis nos trabalhos etnobotânicos, entre elas a abordagem utilitarista que tem como principal resultado o conhecimento das espécies utilizadas por determinadas comunidades. Isso tem permitido que outras pessoas possam fazer uso dessas espécies que anteriormente não utilizavam, aumentando o uso de outras espécies para os mais diversos fins, como alimentação, medicamentos, fibras, corantes, artesanatos etc. (MING, 2009).

É necessário aferir uma forma de proteção legal específica aos conhecimentos, práticas tradicionais e inovações. As comunidades tradicionais que ao longo do tempo descobriram, selecionaram e manejaram várias espécies não têm assegurados nenhum direito sobre esses conhecimentos ou sobre os benefícios gerados por ele (SANTILLI, 2006).

Os hábitos das comunidades tradicionais estão intimamente submetidos aos ciclos naturais, “[...] e a forma como apreendem a realidade e a natureza é baseada não só em experiências e racionalidade, mas em valores, símbolos, crenças e mitos” (MONTELES; PINHEIRO, 2007).

O conhecimento adquirido e acumulado pelas comunidades tradicionais ao longo dos séculos tem mostrado a existência de uma estreita relação dessas comunidades com o meio em que vivem, mostrando ser fundamental para a manutenção da diversidade biológica, utilizando racionalmente os recursos naturais (MING, 2009). Cunha e Almeida (2002, p. 13), tratando do conhecimento local de comunidades que sobrevivem da floresta amazônica na *Enciclopédia da Floresta: o Alto Juruá*, práticas e conhecimentos das populações, afirmam que “[...] não existe e não persiste um saber desvinculado da prática”, ou seja, quando “não mais subsistir da floresta, todo um mundo de conhecimentos e de possibilidades de descoberta será perdido”.

Objetiva-se, neste artigo, fruto de uma pesquisa empírica, investigar conhecimento etnobotânico na sustentabilidade da comunidade do Cedro, no

Sudoeste de Goiás, como fator de fortalecimento e resistência frente às pressões impostas às comunidades rurais.

## **2. MATERIAL E MÉTODO**

### **2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A metodologia utilizada foi a de estudo de caso, considerando os aspectos preconizados por Rodrigo (2008) e Gil (2002) que permitem uma análise em profundidade dos processos e das relações entre eles. A utilização do estudo de caso como metodologia de investigação possibilitou a definição de quatro fases: a primeira fase consistiu na delimitação da unidade de estudo; a segunda etapa, que consiste na coleta de dados, foi realizada utilizando-se vários procedimentos qualitativos e quantitativos: aplicação de questionários com perguntas fechadas e abertas, entrevistas formais e não formais e análise documental; a terceira etapa consistiu na seleção, análise e interpretação dos dados considerando objetivos delimitados na pesquisa, e; a redação do estudo.

As espécies citadas pelos moradores foram registradas por meio de fotografias digitais e algumas coletadas, sendo que as coletas e os registros foram utilizados para identificação das espécies com ajuda de especialistas e consulta à literatura (IORIS, 1999) sobre as plantas do cerrado encontradas na região.

Para a aplicação dos questionários, foram utilizadas amostras não probabilísticas. Dentro da amostra não probabilística, foram utilizadas amostras acidentais e amostras intencionais. As amostras acidentais ocorreram no levantamento socioeconômico da comunidade, e as amostras intencionais ocorreram nas entrevistas a alguns informantes específicos.

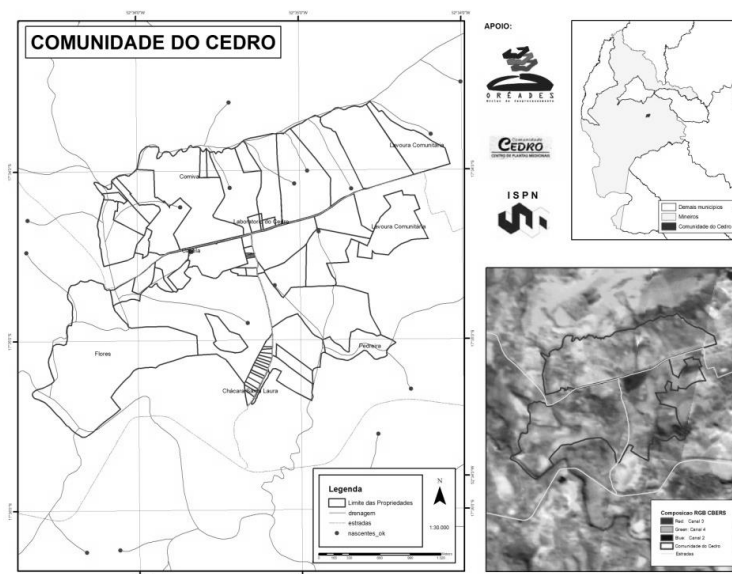
O questionário foi utilizado a fim de responder algumas questões que contribuíram para o levantamento socioespacial da comunidade. Durante o período de coletas de dados, foram feitas entrevistas formais e informais de natureza individual e/ou coletiva. Nas entrevistas formais, foi utilizado um Formulário de Diagnóstico Socioeconômico, em que eram abordados os seguintes temas: dados gerais do entrevistado, características da unidade familiar, características econômica, levantamento da propriedade e produção.

O levantamento etnobotânico foi realizado juntamente com as entrevistas formais, porém utilizando o Formulário de Levantamento Etnobotânico que tinha questões referentes ao nome vernacular, uso (interno ou externo), parte da planta utilizada, preparações terapêuticas etc. Esse formulário foi realizado seguindo modelo de Silva (2002).

### **2.2 LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO**

A Comunidade do Cedro está localizada nas coordenadas de 17° 34' 17" S e 52° 35' 14" W, com aproximadamente 790 metros de altitude, no município de Mineiros, situado, na microrregião Sudoeste do Estado de Goiás. Foi fundada por ex-escravos no ano de 1885 e é constituída por descendentes de quilombo, que luta, principalmente, para manter as suas características culturais. O Cedro foi reconhecido como comunidade de Remanescente de Quilombo em junho de 2005, e, em razão da comunidade já ter a posse da terra, a titulação não se aplica ao Cedro.

Figura 1 – Comunidade do Cedro



Fonte: OREADES.

Formada em 1885, a comunidade do Cedro luta principalmente para manter as suas características culturais, tendo sua história sido iniciada mesmo antes da compra da terra, quando, por volta de 1870, já se tinha notícia da existência no local de aproximadamente 30 escravos, que tinham fugido das fazendas da região e de outros estados, de forma a resistir política, social e culturalmente à escravidão, de acordo com Informativo da Procuradoria da República de Goiás. No ano de 1885, Chico Moleque adquiriu uma gleba de terras da fazenda Flores do Rio Verde, que na época fazia parte do Município de Jataí. Chico Moleque era um escravo que aos domingos trabalhava em outras propriedades e durante a semana trabalhava para seu senhor. Com o dinheiro do seu trabalho em outras fazendas, comprou a sua liberdade e suas próprias terras, que hoje pertencem à Comunidade do Cedro. A maioria absoluta dos cedrinhos é descendente de Chico Moleque.

A comunidade do Cedro resiste e hoje é um grupo social centenário, constituído em sua maioria de negros, remanescente de quilombos. Essa comunidade luta, principalmente, para manter as suas características culturais e tem seu trabalho voltado principalmente para a produção de medicamentos com plantas medicinais do cerrado, por meio de sua tradição. A Comunidade do Cedro ocupa-se de métodos e formas tradicionais de organização cultural e social, por intermédio das quais preserva uma das grandes riquezas da comunidade: o conhecimento etnobotânico.

O trabalho realizado com plantas medicinais vem oferecendo à comunidade uma alternativa eficaz no tratamento de doenças, por meio de medicamentos de boa qualidade com preços mais acessíveis. Os cedrinhos ainda resguardam traços da cultura africana, como ocupação de espaço, laços de parentesco e vizinhança, relação de compadrio, lealdade e solidariedade, o que leva às trocas simbólicas que reforçam a produção biológica e cultural semelhante a outros quilombos, como os Kalungas, uma comunidade quilombola da região norte de Goiás.

## 2.3 CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Para realização da pesquisa, foram entrevistados 25 moradores da Comunidade do Cedro, representando 25 residências visitadas, das 29 que fazem parte da comunidade. Antes de todas as entrevistas, foram apresentados os objetivos, sendo que, na maioria dos casos, as entrevistas foram realizadas após a primeira visita, em que já se podia perceber certo grau de confiança estabelecida entre o pesquisador e os indivíduos da comunidade pesquisada.

A maioria absoluta dos entrevistados ocupa a condição de chefe da unidade familiar e é do sexo masculino, representando 52% dos informantes, enquanto 48% são do sexo feminino. Os informantes estão em uma faixa de idade que vai de 20 a 90 anos de idade, e o informante mais idoso tem 90 anos e é do sexo feminino.

A idade média dos entrevistados foi de 57,9 anos. Apesar de não ter havido uma escolha dos entrevistados mais velhos, pois esses foram escolhidos de forma aleatória, os dados mostram que muitos dos entrevistados são idosos, e esses apresentaram um maior grau de conhecimento etnobotânico, de conhecimento da unidade familiar e da comunidade. O universo amostral apresentou uma grande variação em relação a escolaridade, apresentando pessoas que nunca frequentaram a escola, até pessoas que concluíram o ensino médio.

Das 25 unidades domiciliares, 22 são habitações unifamiliares, ou seja, residências que abrigam somente uma família. O número de pessoas residentes nas unidades domiciliares amostrados totalizou 98 pessoas, o que representa uma média de 3,92 pessoas por domicílios, sendo 55 do sexo masculino, representando uma média de 2,2 por domicílios; e 43 pessoas do sexo feminino, o que representa 1,72 pessoas do sexo feminino por domicílios.

Em relação ao número de pessoas que contribuem com a renda familiar, na maioria dos domicílios, 14 (56%) informantes declararam que duas pessoas contribuem; sete (28%) declararam que apenas uma pessoa contribui para a renda familiar e quatro (16%) declararam que a renda familiar vem de três a cinco pessoas. Em nenhuma residência, a renda vem de mais de cinco indivíduos.

Quanto ao rendimento mensal da família, 10 (40%) declararam ganhar entre um e dois salários mínimos; oito (32%) afirmaram ganhar até um salário mínimo; sete (28%) declararam que a renda familiar está entre três e quatro salários mínimos; e nenhum dos entrevistados declarou ter a renda familiar maior do que cinco salários mínimos.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 3.1 ETNOBOTÂNICA CEDRINA

Os principais conflitos existentes na comunidade referem-se, sobretudo, à expansão agrícola e também ao crescimento da cidade, que se expandiram para dentro da área cedrina ao longo das últimas décadas. Dados da pesquisa mostraram que a disponibilidade de matéria-prima já não é a mesma de anos atrás, já se percebendo a falta de alguns vegetais utilizados em suas composições medicamentosas.

A cidade de Mineiros é considerada na região como “cidade saúde”, em referência ao grande número de hospitais e profissionais da saúde que atendem na cidade. Porém, na comunidade do Cedro, não existe nenhum posto médico corroborando com o que foi afirmado por Baiocchi (1983), de que a comunidade cedrina vive marginalizada da medicina científica. A comunidade do Cedro tem uma

realidade econômica pautada na subsistência em grande parte das residências entrevistadas, com um número considerado de aposentados.

Para Baiocchi (1983, p. 128), “[...] a doença para o cedrino, refere-se à sintomatologia aparente. O que não dói, não é visível ou atrapalha os afazeres, não corresponde a uma doença”. As doenças que mais atingem as famílias dos entrevistados são gripe, hipertensão, diabetes e osteoporose. A medicina popular cumpre um papel muito importante e fundamental na vida dos moradores da comunidade do Cedro. Baiocchi (1983) sustenta, que como em todo o Brasil rural, a medicina popular cedrina apoia-se em recursos farmacopeicos e em recursos mágico-religiosos.

Dos 25 entrevistados, 13 (52%) afirmaram que, em caso de doença na família, além de receber tratamento no posto médico ou hospital em Mineiros, fazem tratamento com remédios naturais; seis (24%) afirmaram que, na maioria das vezes, apenas recebem tratamento no posto médico ou hospital em Mineiros e seis (24%) apenas fazem uso de remédios naturais. Dessa forma, 19 (76%) fazem uso de remédios naturais regularmente na prevenção de doenças na família.

Na comunidade do Cedro, o uso das plantas medicinais ainda é um recurso fundamental para tratamento de problemas de saúde e manutenção da própria saúde, mesmo com a presença de agente de saúde que visita essa comunidade semanalmente. O maior índice de informantes que não utilizam plantas medicinais frequentemente no tratamento de doenças está entre os indivíduos mais jovens. Esses dados podem mostrar também a ineficiência dos serviços públicos de saúde, que também contribuem para o desenvolvimento de formas alternativas de tratamento de doenças.

A maior resistência em procurar um médico se dá entre os mais idosos da comunidade. Entre esses entrevistados, é comum ouvir que antigamente as doenças eram tratadas apenas na base de remédios “caseiros”, à base de plantas medicinais.

A comunidade do Cedro acredita muito em remédio tradicional, remédio caseiro... eu também gosto demais de usar e eu acho que ele é o remédio mais sadio, dificilmente vai fazer mal e eu gosto muito de usar esses remédios... então, é a tradição (Cedrino, 81 anos).

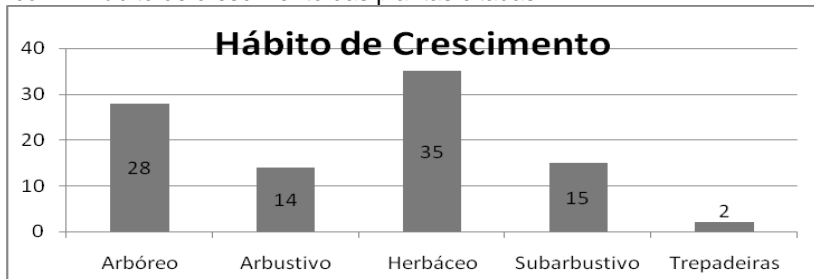
A pesquisa mostrou que essa resistência se dá tanto pela própria cultura de automedicação pela medicina popular quanto pela privação dos serviços de saúde da medicina oficial.

Dos entrevistados que fazem uso de plantas medicinais, nenhum deles afirmou fazer uso por indicação médica e 18 (94,76%) atribuíram o conhecimento de uso de plantas medicinais, principalmente ao conhecimento tradicional familiar, ou seja, um conhecimento que vem sendo passado, principalmente de forma oral, aos descendentes; e apenas um (6,3%) atribuiu esse conhecimento principalmente aos contatos de fontes externas à cultura local, por exemplo aos migrantes, veículos e comunicação e a cursos oferecidos. Assim, percebemos a grande importância que os avós, pais e outra figura familiar representaram para a manutenção deste conhecimento existente dentro da comunidade.

Parte das plantas citadas pelas pessoas foi encontrada no próprio quintal, que tem uma diversidade considerável. Foram citadas 94 espécies pelos 25 entrevistados, e as espécies citadas foram classificadas em 46 famílias. As mais representativas em números e espécies foram: Lamiaceae, com 12 espécies; Asteraceae, com 11 espécies; Moraceae, com quatro espécies; Leguminosae (Fabaceae)ia, com quatro espécies; e Rutaceae, com quatro espécies. Quanto ao

hábito de crescimento das plantas citadas, o Gráfico 1 mostra que a maioria é herbácea (34 indicações), seguidas pelas arbóreas (28 indicações), subarbusivos (15 indicações), arbustivas (14 indicações) e trepadeiras (2 indicações).

Gráfico 1 – Hábito de crescimento das plantas citadas



Fonte: Dados da Pesquisa.

Nota-se que as famílias botânicas mais representativas dos vegetais citados pelos entrevistados correspondem às plantas frequentemente encontradas nos quintais agroflorestais das propriedades. Esses quintais são compostos por uma extensa variedade de vegetais, e constituem ao redor das residências em uma associação de espécies florestais, perenes, anuais, medicinais, agrícolas, ornamentais e de criação de animais. Encontra-se também nesses espaços uma grande variedade de produtos para obter uma produção balanceada ao longo do ano, refletindo a necessidade básica de cada família. Tradicionalmente, esses espaços são de responsabilidade das mulheres e, apesar de haver uma grande variedade de frutas e produção no quintal, raramente se vende o que é produzido ali.

Em relação à disponibilidade no ambiente, das 94 espécies citadas pelos informantes, 64 (68%) são encontradas exclusivamente em cultivos como roçados, hortas caseiras e quintais das propriedades; 25 (27%) são encontradas diretamente na natureza em áreas de cerrados; e 5% são encontradas tanto nos cultivos, como de forma espontâneas.

Os quintais cultivados possibilitam o cultivo e o consumo de alimentos e também de vegetais em suas composições medicamentosas e que favorecem a transmissão de conhecimento tradicional entre os membros das famílias e apresentam uma produção constante. As plantas cultivadas encontram-se nos quintais das residências e se dividem em hortaliças, ervas e frutíferas. As principais hortaliças citadas são: alface (*Lactuca sativa* L.), beterraba (*Beta vulgaris* L.), chuchu (*Sechium edule* (Jacq.) Sw), beldroega (*Portulaca olerace* L.) e couve (*Brassica oleraceae* L.).

As ervas cultivadas nos quintais de grande potencial medicinal para os cedrinhos mais citadas foram: agrião (*Nasturtium officinale* R. Br), alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.), alfavacão (*Ocimum gratissimum* L.), arnica (*Arnica montana* L.), arruda (*Ruta graveolens* L.), babosa (*Aloe vera* (L.) Burm. f.), caferana (*Vernonia condensata* Baker), canela (*Cinnamomum zeylanicum* Breyn.), capim limão (*Cymbopogon citratus*), erva-cidreira (*Melissa officinalis* L.), erva doce (*Pimpinella anisum* L.), hortelanzinho (*Mentha piperita* L.), losna (*Artemisia absinthium* L.) e sabugueiro (*Sambucus nigra* L.). Esses vegetais são cultivados, na maioria das vezes, diretamente no chão próximo às residências, em canteiros cercados ou suspenso.

As frutíferas, além de exercer uma importante função de suplementação alimentar, têm a função de oferecer material para utilização na medicina popular cedrina. As principais frutíferas, citadas pelos informantes de uso medicinal, foram:

abacateiro (*Persea americana* Mill.), acerola (*Malpighia glabra* L), laranja (*Citrus sinensis* (L.) Osbeck), lima (*Citrus aurantifolia* (Christm.) Swingle), limão (*Citrus limonia* Osbeck), mangueira (*Mangifera indica* L.) e mamoeiro (*Carica papaya* L.).

Algumas plantas cultivadas em áreas de lavoura dos cedrinos também são utilizadas para fins medicinais, como a cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum* L.) e milho (*Zea mays* L.). Na comunidade do Cedro, o conhecimento tradicional em relação às plantas medicinais é passado de geração em geração por meio da oralidade, preservando, assim, uma das riquezas da cultura cedrina e quilombola. Observou-se um conhecimento ampliado por parte das mulheres e idosos em relação às plantas medicinais, sendo eles o principal responsável pela preparação medicamentosa a partir dos vegetais. Enquanto que as mulheres detêm um maior conhecimento em relação às plantas que estão nas proximidades das residências e nos quintais, os homens têm um sobre as espécies nos espaços além do quintal. Porém, as mulheres mais idosas foram indicadas como os sujeitos detentores de maior conhecimento em relação às plantas medicinais naquela comunidade.

Das 25 espécies espontâneas citadas pelos entrevistados, as mais utilizadas foram: algodãozinho-do-campo (*Cochlospermum regium*), barbatimão (*Stryphnodendron adstringens*), carobinha (*Jacaranda decurrens*), carapiá (*Dorstenia brasiliensis*), copaiba (*Copaifera langsdorffii* Desf.), douradinha (*Palicourea coriacea* Schum), embauba (*Cecropia pachystachya* Trécul), jatobá (*Hymenaea courbaril* L) e velame-branco (*Macrosiphonia velame* (A. St.-Hil.) Müll. Arg.). O elevado grau de conhecimento que a comunidade do Cedro possui em relação às plantas medicinais nativas do cerrado, mostra a incorporação de novas plantas ao cotidiano dos descendentes de escravos na região.

A maioria das espontâneas se encontra em áreas de cerrado. Existem algumas plantas que foram citadas pelos informantes que dificilmente são encontradas na região, desaparecendo rapidamente, como maminha-cadela (*Brosimum gaudichaudii* Tréc) e cajuzinho-do-campo (*Anacardium humile* A. St. Hil.).

Entre os cedrinhos, percebe-se a presença de técnicas de manejo adequadas na obtenção do produto de forma sustentável, sem agredir as populações dessas plantas. Essas são técnicas regionais da época, hora e clima mais apropriado para a extração do material.

Os cedrinos utilizam várias partes dos vegetais nas preparações medicamentosas, (Tabela 1), sendo as folhas a principal parte utilizada em 61 plantas; em 17, utilizam os frutos; em 11, as flores; em 8, a entrecasca; em 7, a casca do caule; em 7, as raízes; em 5, as sementes; em 5, o caule; em 5, a casca (epicarpo) do fruto; em 2, os brotos; em 1, o bulbilho (dente); em 1, toda a planta; em 1, o (látex) leite; em 1, o estigma (cabelo); e em 1, a castanha como medicamentos. Dessa forma, evidencia que as folhas, flores, entrecasca e casca do caule são as partes mais utilizadas nas preparações fitoterápicas na comunidade do Cedro.

Os entrevistados conhecem variadas formas de preparação das plantas para uso medicinal e as administram no tratamento e prevenção de várias doenças. As formas de uso mais citadas foram: chás com uso interno e externo; ingestão de frutos ao natural; suco do fruto; ingestão de sumo das folhas, através da maceração; e pó das raízes.

Os chás são preparados de várias formas: na infusão, coloca-se a água quente, sem ferver, sobre as partes da planta a ser utilizada, deixa-se por cerca de 10 a 15 minutos e logo depois é coado para fazer uso. Na decocção, são levadas ao fogo a água e as partes vegetais em uma vasilha e retiradas do fogo antes da água ferver, logo depois é coado e utilizado. Os gargarejos são os bochechos feitos com os chás dos vegetais. Os xaropes são feitos a partir de várias espécies de vegetais em que são extraídos os sumos e adicionado mel ou melado.

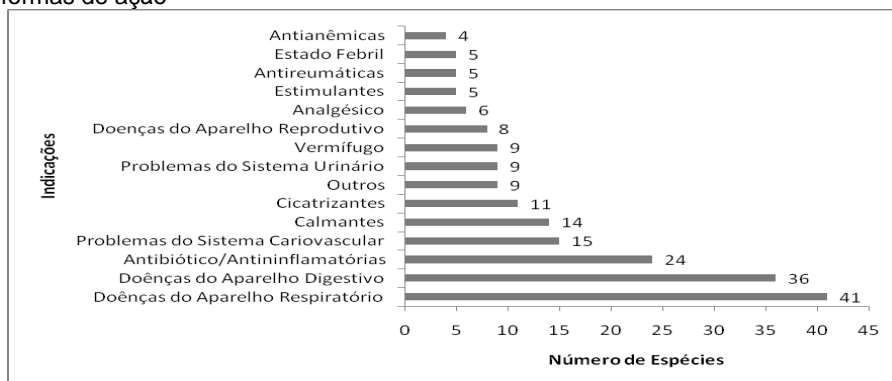


As lavagens e os banhos são as duas principais formas de utilização do chá externamente. As lavagens são preparadas como chás e são usados para lavar ferimentos, inflamações, feridas e asseio, entre outros. Os banhos feitos dos chás são utilizados principalmente para lavar a cabeça e/ou todo corpo. Alguns vegetais são utilizados ao natural, ou seja, ingeridos ou utilizados sem nenhum preparo específico ou em forma de saladas. Os sucos são extraídos dos frutos ou até mesmo do caule. A maceração é utilizada para retirar o sumo de partes vegetais selecionadas e depois ingerido com água nos usos internos. E, nos usos externos, são colocadas sobre o local afetado, espremendo as folhas com um socador de madeira e adicionando-se apenas um pouco de água fria filtrada. O resultado é um suco altamente concentrado.

O emplasto é feito a partir de partes vegetais que são adicionadas à água ou azeite e com uma atadura são colocadas sobre o local afetado. As compressas são feitas a partir de um pano ou gaze molhados no chá ou em algum sumo vegetal e colocado sobre o ferimento, ferida ou inflamações. As tinturas são feitas a partir do adicionamento de partes vegetais ao álcool e deixada em repouso por alguns dias, sendo aplicadas depois ao local afetado ou usadas para infusão.

As plantas citadas (Gráfico 2) apresentaram maior indicação para as doenças do aparelho respiratório, em que houve a indicação de 41 espécies vegetais para esses problemas, que são, principalmente: sinusite, gripe, resfriados, tosse, pneumonia, asma e bronquite; seguidos das doenças do aparelho digestivo, como azia, problemas do intestino, fígado e disenteria, com a indicação de 36 plantas; as inflamações e infecções dos mais diversos tipos, com a citação de 24 plantas; doenças do aparelho cardiovascular, como plantas indicadas para hipertensão, e plantas com funções depurativas. Para os problemas relacionados à depressão, insônia, nervosismo e ansiedade, foram citadas 14 espécies vegetais; 11 com poderes cicatrizantes; nove para os mais diversos tipos de problemas, como furúnculo, problemas de pele, problemas capilar, osteoporose, alergia; nove para os problemas do sistema urinário; nove para vermes; oito para problemas do sistema reprodutor; seis para os mais diversos tipos de dores; cinco com efeitos energético e estimulante; cinco para reumatismo; cinco para febres; e quatro para combater a anemia.

Gráfico 2 – Número de espécies relacionadas às suas indicações terapêuticas ou formas de ação



Fonte: Dados da Pesquisa

A prevalência de indicações de plantas para problemas relacionados ao sistema digestivo e respiratório pode ser considerada um reflexo das condições sanitárias enfrentadas por muito tempo pelos membros da comunidade e também pelo

intenso uso de fogões à lenha no interior das residências, também considerado em Barbosa da Silva et al. (2012).

Das espécies citadas, 75 foram indicadas para dois ou mais problemas de saúde, representando 81% do total das espécies; e apenas 18, representando 19% das espécies citadas, foram indicadas a apenas uma doença. O limão (*Citrus limonia*) foi indicado para 12 problemas de saúde, sendo a espécie vegetal com maior número de indicação.

Em muitos casos, o uso de plantas medicinais não está relacionado apenas ao combate a alguma doença já instalada, mas também à prevenção de algumas doenças. Várias preparações terapêuticas são utilizadas em mais de uma espécie vegetal, principalmente os chás antigripais e as garrafadas para diversos fins. Muitas das plantas citadas apresentam algum ritual a ser seguido para que a preparação possa ter efeito. No caso do uso do genipapo (*Genipa americana*), utilizado como lombrigueiro, para obter o efeito, é preciso cortá-lo ao meio, deixar pousar no sereno e só ser ingerido no outro dia.

Mesmo não sendo relatados casos de intoxicação por plantas nas famílias, foi evidenciado que existem alguns cuidados quanto à dosagem e contra-indicação. Algumas folhas não podem ser usadas verdes, como as folhas do abacateiro (*Persea americana* Mill.), sendo preciso desidratá-las e secá-las à sombra em razão de substâncias tóxicas. Outras devem ser usadas em baixa quantidade, como é o caso do boldo-da-terra (*Coleus barbatus*), utilizado para desintoxicação.

Muitos informantes afirmaram que, antes de fazer qualquer uso de plantas, é importante saber o histórico de doenças do paciente e saber qual a contra-indicação, a fim de evitar mais problemas. Uma das plantas com contra-indicação é o abacateiro (*Persea americana*). Indicado para problemas dos rins, o chá de suas folhas não deve ser ingerido por pessoas que sofrem do coração. Já a carambola (*Averrhoa carambola*), indicada para disenteria, calmante e hipertensão, não pode ser ingerida por pessoas que têm problemas de rins.

Algumas espécies como o barbatimão (*Stryphnodendron adstringens*) e o confrei (*Symphytum officinale*) são usadas como cicatrizantes, porém, em razão da grande eficiência em cicatrizar, esses vegetais, se utilizados em grande quantidade, podem levar à cicatrização de alguma ferida ou cortes, mesmo sem esses terem sido curados “por dentro”.

Na coleta das espécies vegetais, geralmente é retirada somente a porção a ser utilizada, portanto necessitam-se apenas das folhas ou do fruto ou do caule, e o restante da planta é conservado, constituindo um manejo sustentável. Quando existem poucos indivíduos de uma determinada planta no local ou na região, é utilizada outra planta que tenha efeitos sobre os mesmos problemas, preservando as espécies mais ameaçadas. Nenhum dos entrevistados utiliza em suas residências as plantas medicinais, ou os medicamentos derivados dessas, como fonte de renda, e esses medicamentos são apenas para uso familiar.

Tabela 1 – Aspectos das plantas medicinais utilizadas na Comunidade do Cedro

Nome Popular	Nome Científico	Família	Indicações	Parte Usada	Preparo	Uso	Hábito	Disponibilidade
Abacateiro	<i>Persea americana</i> Mill.	Lauraceae	a – problemas de fígado, rins e dos de barriga	folhas	a – chá	a – interno	Arbóreo	Cultivada
Acerola	<i>Malpighia glabra</i> L.	Malpighiaceae	a – gripes, anemia, diarreia e inflamações	a – fruto e folhas	a - comer in natura ou tomar o suco do fruto ou chá das folhas	a – interno	Arbustivo	Cultivada
Agrião	<i>Nasturtium officinale</i> R. Br	Cruciferae	a – expectorante	a – folhas	a – in natura	a – interno	Herbácea	Cultivada
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Lamiaceae	a – Calmante, pós-parto, tosse, dores de cabeça	a – planta toda (menos a raiz)	a – chá	a – interno	Subarbustivo	Cultivada
Alevante, Vick	<i>Mentha spicata</i> L.	Lamiaceae	a – expectorante, gripes, asma, catarro preso e febre	a – folhas	a – chá ou inalação	a – interno e externo	Herbácea	Cultivada
Alface	<i>Lactuca sativa</i> L.	Compositae	a – calmante e insônia	a – folhas e raiz	a – chá, tintura ou salada	a – interno e externo	Herbácea	Cultivada
Alfavacão	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Lamiaceae	a – resfriados, tosses, gripes, asma, bronquite, dor de cabeça	a – folhas e flores	a – chá	a – interno	Herbácea	Cultivada
Alfavaca	<i>Ocimum basilicum</i>	Lamiaceae	a – resfriados, tosses, gripes, asma, bronquite, dor de cabeça	a – folhas e flores	a – chá	a – interno	Herbácea	Cultivada
Alfazema	<i>Lavandula officinalis</i> Chaix & Kitt	Lamiaceae	a – asma, bronquite, tosse, gripe e sistema digestivo	a – folhas	a – chá	a – interno	Subarbustivo	Cultivada
Algodoeiro	<i>Gossypium herbaceum</i> L.	Malvaceae	a – queimaduras e inflamações b – pneumonia	a – folhas b – folhas	a – maceração b - chá	a – externo b - interno	Arbustivo	Cultivada
Algodãozinho-do-campo	<i>Cochlospermum regium</i>	Bixaceae	a – depurativo, hipertensão e antibiótico	a – raízes	a - chá	a - interno	Subarbustivo	Espontânea
Alho	<i>Allium sativum</i> L.	Liliaceae	a – gripe, resfriado e tosse	a – bulbilho (dente)	a – maceração, tintura, chá, in natura	a – interno e externo	Herbácea	Cultivada
Amoreira, Amora, Amora Preta	<i>Morus nigra</i> L.	Moraceae	a – infecções	a – casca do caule e folhas	a – chá	a – interno	Arbóreo	Cultivada
Angico Vermelho	<i>Piptadenia colubrina</i> (L.) Benth.	Leg: Mimosoideae	a – gripe, resfriado, tosse, vermes e expectorante	a – entrecasca	a – chá ou garrafada	a – interno	Arbóreo	Espontânea

Arnica	<i>Arnica montana</i> L.	Asteraceae	a – inflamações, feridas, pneumonia e reumatismo	a – folhas e raízes	a – tintura ou emplasto	a – externo	subarbusto	Cultivada
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Rutaceae	a – problemas menstruais, estômago, fígado e inflamação do útero	a – folhas e flores	a – chá	a – interno	Subarbus-tivo	Cultivada
Assa-peixe	<i>Vernonia polyanthes</i>	Asteraceae	a – bronquite, expectorante pneumonia, asma e gripe	a – folhas e raiz	a – chá e folhas fritas	a – interno	Arbustivo	Espontânea
Babosa,	<i>Aloe Vera</i> (L.) Burm. f.	Liliaceae	a – asma, tosse, gripe b – problemas do cabelo e cicatrizante	a – folhas b – folhas	a – chá b – maceração	a – interno b – externo	Herbáceo	Cultivada
Bananeira	<i>Musa cavendishii</i> Lamb. ex Paxton	Musaceae	a – problemas do fígado, asma, prisão de ventre b – queimaduras c – tosse, problemas intestinal e pulmonar	a – fruto b- folhas c – resina (seiva)	a – in natura b – emplasto c – in natura	a – interno b - externo c - interno	Herbáceo	Cultivada
Barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Covile Baill Var. <i>Planchonii</i> Engl.	Fabaceae	a – cicatrizantes c – feridas e impinge	a – cascas do caule b – cascas do caule	a – emplasto b – chá	a – interno b – externo	Arbustivo	Espontânea
Beldroega	<i>Portulaca olerace</i> L.	Portulacaceae	a – laxante, diurética, disenteria	a – folhas	a – Iná natura e chá	a - interno	Herbáceo	Cultivada
Beterraba	<i>Beta vulgaris</i> L.	Amarantaceae	a – anemia e problemas de fígado	a – raiz	a – in natura e folhas	a – interno	Herbáceo	Cultivada
Boldo-da-terra	<i>Coleus barbatus</i> ou <i>Plectranthus barbatus</i>	Lamiaceae	a – azia, problemas do estômago, do fígado e intestino.	a – folhas e caules	a – maceração	a – interna	Herbácea	Cultivada
Buriti	<i>Mauritia flexuosa</i> L.	Araceae	a – vermífugo e energético	a – frutos	a – óleo e doce	a – interno	Arbóreo	Espontânea
Caferana, boldo-goiano	<i>Vernonia condensata</i> Baker	Asteraceae	a – problemas de fígado, estômago e intestino	a – folhas	a – chá ou maceração	a – interno	Arbustivo	Cultivada
Cajueiro	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Anacardiaceae	a – desinteria	a –cascas do caule	a – in natura	a – interno	Arbóreo	Cultivada
Cajuzinho, cajuzinho – do-campo	<i>Anacardium humile</i> A. St. Hil.	Anacardiaceae	a – diarreia b – gastrite	a – fruto b entrecasca	a – in natura b – chá	a – interno b – interno	Subarbus-tivo	Espontânea
Camomila	<i>Matricaria chamomilla</i> L.	Asteraceae	a – insônia, calmante e hipertensão	a – folhas	a – chá	a – interno	Herbáceo	Cultivada
Cana de açúcar	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Poaceae	a – insônia, fortificante e hipertensão	a – caule	a – suco (garapa)	a – interno	Herbáceo	Cultivada
Canela	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn.	Lauraceae	a – insônia, fortificante, hipertensão	a – folhas e cascas do caule	a – chá	a – interno	Arbóreo	Cultivada

Capim limão, citronela	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Poaceae	a – insônia, calmante, ansiedade e depressão	a – folhas	a – chá	a – interno	Herbáceo	Cultivada
Carambola	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Oxalidaceae	a – infecção, calmente e hipertensão	a – frutos	a – in natura ou suco	a – interno	Arbóreo	Cultivada
Carapiá	<i>Dorstenia brasiliensis</i>	Moraceae	a – sinusite, obstrução nasal, febre e pneumonia	a – raíz	a – chá	a – interno	Herbáceo	Espontânea
Carobinha	<i>Jacaranda decurrens</i>	Bignoniaceae	a – depurativo	a – folhas	a – chá ou tintura	a – interno	Subarbustivo	Espontânea
Carqueja	<i>Baccharis trimera</i> L.	Asteraceae	a – problemas de estômago e fígado	a – folhas	a – chá ou maceração	a – interno	Subarbustivo	Cultivada
Cedro	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	Meliaceae	a – feridas	a – folhas e entrecasca	a – emplasto	a – externo	Arbóreo	Espontânea
Cheiro de Mulata, catinga-de-mulata	<i>Tanacetum vulgare</i>	Asteraceae	a – bronquite	a – folhas	a – chá	a – interno	Subarbustivo	Cultivada
Chuchu	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw	Cucurbitaceae	a – hipertensão e calmante	a – casca do fruto e fruto	a – suco do fruto	a – interno	Trepadeira	Cultivada
Confrei	<i>Symphytum officinale</i> L.	Boraginaceae	a – cicatrizante	a – folhas	a – emplasto e compressa	a – externo	Herbáceo	Cultivada
Copaíba	<i>Copaifer alangsdorffii</i> Desf.	Caesalpinioidae	a – anti-inflamatória	a – caule b – cascas do tronco	a – óleo b - tintura	a – externo b - interno	Arbóreo	Espontânea
Coqueiro	<i>Cocos nucifera</i> L.	Arecaceae	a – fortificante	a – fruto e água	a – in natura	a – interno	Arbóreo	Cultivada
Couve	<i>Brassica oleraceae</i> L.	Brassicaceae	a – anti-inflamatória e desintoxicante	a – folhas e talo	a – chá e maceração	a – interno	Herbáceo	Cultivada
Douradinha	<i>Palicourea coriacea</i> Schum	Rubiaceae	a – problemas urinários e rins	a – folhas	a – chá e tintura	a – interno e externo	Subarbustivo	Espontânea
Embauba, imbaúba, umbáuba	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Cecropiaceae	a – bronquite, pneumonia e asma	a – folhas	a – chá	a – interno	Arbóreo	Espontânea
Erva-Cidreira, erva-cidreira de folha,	<i>Melissa officinalis</i> L.	Lamiaceae	a – insônia, calmante, analgésico, problema digestivo e diarreia b – calmante e insônia c- repelente	a – folhas e flores b – flores e folhas c – flores e folhas secas	a – chá b – colocar dentro do travesseiro c - queimar	a – interno b – externo c - externo	Herbácea	Cultivada
Erva doce	<i>Pimpinella anisum</i> L.	Apiaceae	a – intestino, reumatismo e calmante	a – sementes e folhas	a – chá	a – interno	Herbáceo	Espontânea e Cultivada
Eucalipto grande	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill	Myrtaceae	a – sinusite, renite, expectorante, bronquite,	a – folhas	a – chá e inalação com o chá	a – interno e externo	Arbóreo	Cultivada

			asma, febre, resfriados, febre e dor de cabeça					
Fedegoso	<i>Senna occidentalis</i> L.	Boraginaceae	a – gripe, resfriado, tosse	a – folhas	a – chá	a – externo	Herbáceo	Cultivada
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Zingiberaceae	a – gripes, tosses, bronquite e resfriados	a – (raiz) rizoma	a – chá e tintura	a – interno e externo	Herbáceo	Cultivada
Gergilim, gergelim	<i>Sesamum indicum</i> L.	Pedaliaceae	a – osteoporose	a – sementes	a – moido	a – interno	Herbáceo	Cultivada
Gervão	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) M. Vahl	Verbenaceae	a – infecção	a – flores	a – maceração	a – interno	Subarbuscivo	Cultivada
Goiabeira	<i>Psidium guajava</i> L.	Myrtaceae	a – desintéria, diarreia e dor de barriga	a – folhas	a – chá	a – interno	Arbóreo	Cultivada
Graviola	<i>Annona muricata</i> L.	Annonaceae	a – anti-inflamatória e cicatrizante	a – folhas	a – chá	a – interno	Arbóreo	Cultivada
Guaco	<i>Mikania smilacina</i> DC	Asteraceae	a – bronquite, expectorante, asma e febre	a – caule e folha	a – chá e xarope	a – interno	Herbácea	Espontânea e Cultivada
Hortelã grande, hortelã grosso	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Lamiaceae	a – gripe, tosse, vermes e calmante	a – caule e folhas	a – chá, saladas e xarope	a – interno	Herbáceo	Cultivada
Hortelã, Hortelanzinho	<i>Mentha piperita</i> L.	Lamiaceae	a – tosse, tônica, cólicas, digestão, gripe, resfriados, bronquites	a – folhas e flores	a – chá e xarope	a – interno	Herbáceo	Cultivada
Ipê Rocho	<i>Tabebuia avellaneade</i> Lours et Gris	Bignoneaceae	a – inflamação vaginal, bronquite, reumatismo e úlcera,	a – casca do caule	a – chá	a – interno	Arbóreo	Espontânea
Jaca	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Moraceae	a – tosse, anemia e diurético	a – fruto	a – in natura	a – interno	Arbóreo	Cultivada
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Leg: Caesalpinioideae	a – tosse bronquite, depurativo e estimulante de apetite	a – casca do caule e fruto	a – chá e in natura	a – interno	Arbóreo	Espontânea
Jenipapo	<i>Genipa americana</i> L.	Rubiaceae	a – vermífugo	a – fruto	a – in natura	a – interno	Arbóreo	Cultivada
Jurubeba	<i>Solanum stramonifolium</i> Jacq.	Solanaceae	a – problemas do fígado	a – frutos	a – in natura	a – interno	Arbustivo	Espontânea e Cultivada
Laranja	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Rutaceae	a – gripe, inflamação da garganta, febre, calmante e insônia b – gripe e tosse	a – folhas, flores e casa do fruto b – fruto	a – chá b - extrair o suco	a – interno b – interno	Arbóreo	Cultivada
Lima	<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	Rutaceae	a – calmante	a – folhas	a – chá	a – interno	Arbóreo	Cultivada
Limão, limoeiro	<i>Citrus limonia</i> Osbeck	Rutaceae	a – hipertensão, gripe, tosse e inflamação da garganta]	a – fruto	a – suco	a – interno	Arbóreo	Cultivada

			b – resfriado, febre, gripe, inflamação da garganta, vermes, emagrecer, calmante e febre c – reumatismo, furúnculo e sinusite	b – casca do fruto e folhas c – casca do fruto e folhas	b – chá c - compressa	b – interno c - externo		
Lobeira	<i>Solanum lycocarpum</i> St. Hil	Solanaceae	a – azia e úlcera	a – frutos	a – polvilho	a – interno	Arbustivo	Espontânea
Losna	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Asteraceae	a – má digestão, diarreia, problemas do fígado, prisão de ventre, febre e cólicas menstruais	a – folhas	a – tintura e tintura	a – externo e interno	subarbustivo	Cultivada
Maminha-cadela	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Tréc	Moraceae	a – depurativo do sangue e infecção	a – toda planta	a – garrafada	a – interno	Arbusto	Espontânea
Mamoeiro	<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae	a – prisão de ventre, diurético b – vermes c – queimaduras, sardas e feridas	a – fruto b – sementes secas c – leite	a – in natura b – chá c – passar no local	a – interno b – interno c – externo	Arbustivo	Cultivada
Mangueira	<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae	a – gripe, labirintite e menopausa	a – folha	a – chá	a – interno	Árboreo	Cultivada
Manjeriço	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Lamiaceae	a – gripe, resfriados, pneumonia	a – folhas	a – chá e xarope	a – interno	Subarbustivo	Cultivado
Maracujá	<i>Passiflora edulis</i> Sims	Passifloraceae	a – calmante, insônia e hipertensão b – calmante, insônia, hipertensão	a – fruto b – folhas e flores	a – in natura b – chá	a – interno b – interno	Trepadeira	Cultivada
Mastruz, erva de Sta. Maria	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Chenopodiaceae	a – gripes, tosses, hemorroidas, diuréticos, vermes, tuberculose e pneumonia b – feridas	a – folhas e flores b – folhas	a – chá e sumo b – emplasto	a – interno b – externo	Herbáceo	Cultivada
Mentrasto, erva-de-são-joão	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Asteraceae	a – anti-inflamatório, analgésico, resfriados, cólicas menstruais	a – folhas	a – chá	a – interno	Herbáceo	Espontânea
Milho	<i>Zea mays</i> L.	Poaceae	a – problemas das vias urinárias, colesterol, diabetes, hipertensão e pedras nos rins	a – Estigna (cabelo)	a – chá	a – interno	Herbáceo	Cultivada
Murici	<i>Byrsonima intermedia</i> L.	Malpighiaceae	a – hemorroidas, desintérias e diarreia	a – folhas e brotos	a – chá	a – interno	Arbusto	Espontânea
Pata de vaca	<i>Bauhinia variegata</i> L. var. <i>candida</i> Voigt.	Leg: Caesalpinioideae	a – colesterol, e diabetes	a – folhas e entrecasca	a – chá	a – interno	Árboreo	Cultivada

Pé-de-perdiz	<i>Croton antisyphiliticus</i> Mart.	Euphorbiaceae	a – antibiótico	a – folhas	a – chá	a – interno	Subarbus-tivo	Espontânea
Pequi	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess	Caryocaraceae	a – resfriado, bronquite e asma	a – castanha b – folha	a – óleo b – chá	a – interno b – interno	Arbóreo	Espontânea e Cultivada
Picão, picão-preto, carrapicho	<i>Bidens pilosa</i> L.	Asteraceae	a – alegria, asma, bronquite, vermífugo, diabetes, hepatite hemorroida e antibiótico	a – folhas e flores	a – chá	a – interno	Herbáceo	Espontânea
Pimenta do reino	<i>Piper nigrum</i> L.	Piperaceae	a – cólicas menstruais	a – fruto	a – chá	a – interno	Arbustivo	Cultivada
Pimenta malagueta	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Solanaceae	a – furúnculo	a – folhas	a – emplasto	a – externo	Arbustivo	Cultivada
Pueijo	<i>Mentha pulegium</i> L.	Lamiaceae	a – tosse, gripe, problema digestivo, expectorante, resfriados, bronquites	a – folhas e caules	a – chá e xarope	a – interno	Herbáceo	Cultivada
Quebra pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Euphorbiaceae	a – problemas de bexiga e rins,	a – folhas	a – chá	a – interno	Herbáceo	Espontânea
Quina	<i>Quassia amara</i> L.	Simaroubaceae	a – problemas do estômago	a – entrecasca	a – chá	a – interno	Arbustivo	Espontânea e Cultivada
Sálvia	<i>Salvia Officinalis</i> L.	Lamiaceae	a – diabete, bronquite e prisão de ventre	a – folhas	a - chá	a - interno	Herbácea	Cultivada
Sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i> L.	Caprifoliaceae	a – gripe e pneumonia	a – folhas, flores e entrecasca	a – chá	a – interno	Arbóreo	Cultivada
Sucupira	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	Fabaceae	a – infecção de garganta	a – entrecasca e sementes	a – chá	a – interno	Arbóreo	Espontânea
Tamarindo	<i>Tamarindus indica</i> L.	Fabaceae	a - diarreia, verme e tosse	a – fruto	a – in natura	a – interno	Arbóreo	Cultivada
Tanchagem, tançagem	<i>Plantago major</i> L.	Plantaginaceae	a – inflamação da gengiva, expectorante e garganta b – antibiótico	a – folhas b – folhas	a – chá b – chá	a – externo b – interno	Herbáceo	Cultivada
Tangerina	<i>Citrus nobilis</i> Lour.	Rutaceae	a – diurético, hipertensão, gripe, resfriado, tosse e reumatismo	a – folhas e cascas do fruto	a – chá	a – interno	Arbóreo	Cultivada
Urtiga	<i>Fleurya aestuans</i> (L.) Gaudich.	Urticaceae	a – ferimentos	a – folhas	a – chá	a – externo	Herbáceo	Espontânea
Urucum	<i>Bixa orellana</i> L.	Bixaceae	a – depurativo, colesterol	a – sementes	a – chá	a – interno	Arbustivo	Cultivada
Vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Scrophulariaceae	a – diarreia	a – folhas e raízes	a – chá	a – interno	Herbácio	Espontânea
Velame-branco	<i>Macrosiphonia velame</i> (A. St.-Hil.) Müll. Arg.	Apocynaceae	a – depurativo e inflamações	a – folha	a – chá	a – interno	Subarbus-tivo	Espontânea



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade do Cedro possui um conhecimento popular sobre a utilização de plantas medicinais cultivadas e nativas da região. As plantas cultivadas são encontradas principalmente nos quintais, nas hortas e nas áreas de cultivos cedrinos e as espontâneas em áreas de cerrado. A transmissão de conhecimentos é feita por meio da forma verbal tradicional, e os moradores atribuem esse conhecimento de uso de plantas medicinais ao conhecimento tradicional familiar, sendo os idosos e as mulheres os principais disseminadores do uso de plantas medicinais dentro da comunidade.

Foram citadas 94 espécies de plantas com uso medicinal pertencente a 46 famílias, sendo as famílias Lamiaceae, Asteraceae, Moraceae, Caesalpináceae e Rutaceae em maior número.

O Centro de Plantas Medicinais do Cedro vem oferecendo à comunidade, além de uma fonte de renda extra, alternativa eficaz no tratamento de doenças por meio de medicamento à base de plantas medicinais. Existe uma forma de manejo sustentável utilizada pela comunidade na coleta das espécies vegetais, a fim de garantir a continuidade destas espécies.

A perda da biodiversidade vai afastando aos poucos as pessoas do contato com a flora, levando à restrição ao uso terapêutico das plantas e causando dificuldades na continuidade dos trabalhos do grupo em razão da falta de plantas medicinais, isso em função da grande devastação que está ocorrendo no cerrado nos últimos anos e, conseqüentemente, no entorno da comunidade do cedro, devido à produção de grãos em larga escala.

Dessa forma, deve-se estimular a criação de espaços que possibilitem compartilhar o saber local entre os mais jovens e os idosos, a fim de garantir a manutenção dessa grande riqueza cedrina: o conhecimento etnobotânico.

#### 5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. F. C. B. R. **Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco**: um estudo de caso no Agreste. 2001. 50 f. Graduação (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

AMOROZO, M. C. M.; GELY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. **Boletim Museu Parasense Emílio Goeldi, Série Botânica**, n. 4, v. 1, p. 47-131, 1988.

AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (Org.). **Plantas medicinais: arte e ciência - um guia de estudo interdisciplinar**. Botucatu: UNESP, 1996, p. 47-68.

AMOROZO, M. C. M. A perspectiva etnobotânica e a conservação de biodiversidade. In: **Congresso da Sociedade Botânica de São Paulo**, XIV, Rio Claro: UNESP, 2002. 2p.

ANDRADE, T. (Org). **Quilombos em São Paulo**: tradições, direitos e lutas. São Paulo: IMESP, 1997.

BAIOCCHI, M. de N. **Negros de Cedro**: estudo antropológico de um bairro rural de negros em Goiás. São Paulo: Ática, 1983.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Programa Nacional de Conservação e Uso Sustentável do Cerrado**: programa cerrado sustentável. Brasília: Secretaria de Biodiversidade e Floresta, 2006.

CUNHA, M. C. da; ALMEIDA, M. B. de. (Org.). **Enciclopédia da Floresta** - o Alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996.

FIABANI, A. O quilombo antigo e o quilombo contemporâneo: verdades e construções. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 24., São Leopoldo-RS, Unisinos, 2007, v. 1, p. 1-10. Disponível em: <http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Adelmir%20Fiabani.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2008.

FONSECA-KRUEL, V. S. da; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 18, n. 1, p. 177-190, mar. 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HAVERROTH, M. Etnobotânica: uma revisão teórica. **Antropologia em primeira mão**, Florianópolis-SC, n.20, p. 1-56, 1997.

IORIS, E. (Coord.) Plantas medicinais do cerrado: perspectivas comunitárias para a saúde, o meio ambiente e o meio sustentável. **ANAI DO WORKSHOP PLANTAS MEDICINAIS DO CERRADO**. Mineiros-GO, Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior, 1999.

IORIS, E; PIO L. Projeto Centro Comunitário de Plantas Medicinais. In: IORIS, E. (Coord.) Plantas Medicinais do Cerrado: Perspectivas Comunitárias para a Saúde, o meio Ambiente e o Meio sustentável. **ANAI DO WORKSHOP PLANTAS MEDICINAIS DO CERRADO**. Mineiros-GO, Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior, 1999.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais do Brasil**: nativas e exóticas. Instituto Plantarum, Nova Odessa, 2002.

MINEIROS, Prefeitura Municipal de. **Turismo**. Disponível em: [www.mineiros.go.gov.br](http://www.mineiros.go.gov.br). Acesso em: 12 jul. 2009.

MING, L. C. **A Etnobotânica na recuperação do conhecimento popular**. Departamento de Produção Vegetal. Faculdade de Ciências Agrônômicas –

UNESP, 2009. Disponível em: [http://www.fazendadocerrado.com.br/Lin\\_Chau\\_Ming.pdf](http://www.fazendadocerrado.com.br/Lin_Chau_Ming.pdf). Acesso em: 23 maio. 2019.

MONTELES, R.; PINHEIRO, B. U. C. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva Etnobotânica. **Bioterra – Revista de Biologia e Ciências da Terra**, Universidade Estadual da Paraíba, UEP, v.7, n. 2, p. 38-48, 2007.

MOURA, A. de P. **A cultura afro-brasileira em Minas**. Belo Horizonte: Edições Carrancas-Comissão Mineira do Folclore, 1987.

MOURA, C. **Brasil: raízes do protesto negro**. São Paulo: Global Editora, 1983.

MOURA, C. **Escravidão, colonialismo, imperialismo e racismo**. Salvador: Afro-Ásia, 1983.

MOURA, C. **As injustiças de Clio: o negro na historiografia brasileira**. Belo Horizonte: Editora Nossa Terra, 1990.

MOURA, C. **Dicionário da escravidão negra no Brasil**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

MOURA, C. **O negro: (do bom escravo ao mau cidadão?)**. Rio de Janeiro, Conquista. 1977.

MOURA, C. E. M. **A travessia da Calunga Grande: três séculos de imagens sobre o negro no Brasil**. São Paulo: EDUSP – Imprensa Oficial do Estado, 2000.

POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, B. (Ed.). **Suma etnológica brasileira – 1. Etnobiologia**. Vozes/Finep: Petrópolis, 1987. p. 15-251.

PROCURADORIA GERAL DA REPÚBLICA. Relatório de uma diagnose preliminar da situação social vistoriada in loco no povoado de Cedro. **Informativo da Procuradoria da Republica de Goiás**, ano VII, n. 57, fev. 2003.

RODRIGO, J. **Estudo de caso: fundamentação teórica**. Brasília: Vestcon, 2008. Disponível em: [www.vestcon.com.br/ft/3116.pdf](http://www.vestcon.com.br/ft/3116.pdf). Acesso em: 7 jun. 2009.

SANTILLI, J. **A biodiversidade e as comunidades tradicionais**. Disponível em: [www.ambiente.sp.gov.br/ea/admarqs?JulianaS.3.pdf](http://www.ambiente.sp.gov.br/ea/admarqs?JulianaS.3.pdf). Acesso em: 2 dez. 2006.

SEPPPIR – Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Programa Brasil Quilombola**. Brasília: Abaré, 2004.

SEPPPIR – Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Quilombos no Brasil**. Disponível em: [http://www.presidencia.gov.br/estrutura\\_presidencia/sepppir/copy\\_of\\_acoes/](http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sepppir/copy_of_acoes/). Acesso em: 22 ago. 2008.

SEPPIR – Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Programa Brasil Quilombola: Relatório de Gestão, 2008**. Brasília: Abaré, 2008.

SEPIN – Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação. **Ranking dos Municípios Goianos – 2007**. Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento de Goiás – Goiânia, 2007. Disponível em: [http://www.seplan.go.gov.br/sepim/viewcad.asp?id\\_cad=1075](http://www.seplan.go.gov.br/sepim/viewcad.asp?id_cad=1075). Acesso em: 12 jan. 2009.

SILVA, J. M. **Quilombos do Brasil Central: Violência e resistência escrava**. Goiânia: Kelps, 2003.

SILVA, N. C. B. da et al. Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola da Barra II – Bahia, Brasil **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**, v. 11, n. 5, p. 435-453, set. 2012.

SILVA, R. B. L. **A etnobotânica de plantas medicinais da comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-AP, Brasil**. 2002. 172 f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém 2002.

SILVEIRA, E. M. Dos S. A Educação Formal e Não-Formal nas Comunidades Quilombolas Lagoinha de Baixo e Lagoinha de Cima Localizada no Município de Chapada dos Guimarães-MT. *In*: **SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO**, 17., 2009, Cuiabá-MT: UFMT, 2009. p. 1-8.

SOGAME, M. De L.; SCARIM, P. C. Territórios Quilombolas no Espírito Santo: identidade, espaço e etnodesenvolvimento. *In*: **III Simpósio Nacional de Geografia Agrária-II Simpósio Internacional de Geografia Agrária – Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira – Presidente Prudente**, 11-15 de novembro de 2005. Disponível em: [www.prudente.unesp.br/agraria/Trabalhos](http://www.prudente.unesp.br/agraria/Trabalhos). Acesso em: 2 dez. 2006.

SOUZA, V. C.; LORENZI, H. **Botânica Sistemática: guia ilustrado para identificação das famílias de Angiospermas da flora brasileira, baseado em APG II**. Ed. Instituto Platarum, Nova Odessa, 2005.

VENTURA, M. M. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista Socerj**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, p. 383-386, 1 set. 2007.